

DEVOÇÃO EM NAVEGANTES: UMA UNIDADE EM CONTEXTO ÉTNICO DO BAIRRO DO PORTO DE PELOTAS

ALESSANDRA BURIOL FARINHA¹;
CLAUDIO BAPTISTA CARLE²

¹Universidade Federal de Pelotas - alefarinha@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – cbcarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O trabalho está inserido na área das Ciências Humanas, Antropologia, problematizando principalmente a memória e o esquecimento de um grupo específico, uma chamada unidade em contexto étnico particular da cidade de Pelotas: os moradores do bairro do porto, devotos de Nossa Senhora de Navegantes. A Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes ocorria anualmente no referido bairro desde o começo do século XX, por cerca de três décadas com forte participação popular até os anos 1970, quando foi deslocada e descaracterizada. Os fiéis do bairro do porto então “perderam” a Festa de Navegantes, e partilham o sentimento desta perda em comum. Sentimento este que foi identificado entre os moradores antigos do bairro durante a pesquisa. O objetivo do trabalho, portanto, é caracterizar este grupo de devotos de Navegantes, antigos moradores do bairro do porto de Pelotas como uma unidade em contexto étnico, definindo este termo, e evidenciar a memória e esquecimento desta unidade com relação à Festa de Navegantes.

Barth (1998 p. 187) coloca que praticamente todo o raciocínio antropológico baseia-se na premissa de que a variação cultural é descontínua. Há grupos que compartilham em comum de uma cultura e de outras diferentes, de forma interligada, mas cada uma dessas culturas é distinta. Há uma unidade étnica que corresponde a cada cultura. A pesquisa proporcionou a oportunidade de formular uma nova definição que possibilita entender a Procissão como uma unidade. No sentido de compreender estas proximidades de indivíduos de culturas diferentes em um espaço cultural similar criamos a definição de unidades em contextos étnicos.

A unidade aqui se verifica em relação a um lugar. Este lugar onde diferentes grupos considerados de diversas etnias se reúnem em um mesmo contexto social, ou imaginário social, com interesses representativos e, portanto, de um universo simbólico que pode ser identificado como étnico, muito similar estabelece o que doravante chamaremos de unidade em contexto étnico¹. Cabe dizer que etnia “se revela como um conceito que não é estritamente cultural, pois a delimitação de grupos étnicos parte de uma suposta alocação deles no conjunto dos grupos populacionais raciais sem abstrair a unidade do local de origem, e, para delimitar etnia, considera-se a concomitância de características somáticas (aparência física), lingüísticas e culturais. (...) o uso dos termos raça ou **etnia**² está circunscrito à destinação política que se pretende dar a eles.” (OLIVEIRA, [2004] acesso 2012). As etnias envolvidas na procissão poderiam ser consideradas os religiosos católicos, e/ou de matriz africana, os pescadores, os

¹ Esta definição é uma criação desenvolvida a partir deste trabalho e na relação com outros.

² Grifo nosso.

estivadores, os marinheiros e assim por diante. A etnia está para este caso relacionado aos universos míticos próprios dos grupos que se reuniam na Procissão. O **contexto**³ social é um espaço-tempo de longo alcance e pode ser denominado como imaginário social (SPINK, 1993, p. 305) o qual é composto por uma “teia de significados” que são criados num certo lugar-tempo (GEERTZ, 1989). Na conjunção de contexto, unidade étnica e etnia é que se cria a unidade em contexto étnico, pois mesmo sendo pessoas de reconhecidas etnias distintas, a unidade do contexto da Procissão de Navegantes os aproxima, reforçando traços comuns de representação e imaginário social neste lugar-tempo.

A principal unidade em contexto étnico representada nesta pesquisa é composta pelos antigos moradores da zona portuária em Pelotas⁴, os quais participavam da Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, seja como devotos, organizadores ou representantes de grupos ou classes. É possível caracterizá-los como uma unidade em contexto étnico, pois verificamos um grupo mais ou menos homogêneo, que partilham uma história comum que é a Festa de Navegantes, com particularidades relacionadas à linguagem, caracterizados por indumentárias típicas, seguindo rituais específicos e relacionados a sua posição no processo.

Nos depoimentos de antigos moradores do bairro, que participavam do evento religioso, colhidos durante a pesquisa foram descobertas memórias vivas da Festa de Navegantes. Memórias que envolviam o sagrado e o profano (ELIADE, 1992), fé, trabalho, família, alegria, músicas, fantasias, gastronomia, lazer, ornamentação, dentre outros. De forma geral, memórias caracterizadas pelos próprios depoentes como “boas memórias”. Ricoeur (2007, p. 502), afirma que o aspecto fundamental de toda a fenomenologia da memória é a ideia de memória feliz. Sobre o esquecimento desta unidade em contexto étnico com relação à antiga Festa de Navegantes, foi identificada a mágoa ligada à perda do evento em seu território, seu bairro. A perda envolve toda a movimentação que trazia a procissão, barraquinhas de gastronomia, fogos de artifício, concurso de ornamentação de barcos, dentre outros. A forma que ocorreu o desmantelamento da Festa de Navegantes pode ser considerada uma maneira de esquecimento manipulado (MICHEL, 2010). Montenegro (2012) destaca que as festas religiosas são importantes na vida das comunidades por marcarem um tempo destinado ao ócio, confraternização, troca de experiências, sociabilização.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os dados que estão originando o produto final a ser obtido estão sendo coletados através do método análise de narrativas orais, empregando entrevistas semi-estruturadas com sujeitos que se encontram na faixa dos 70/90 anos, até pessoas menos idosas, já situadas no período de transição.

São cerca de dez entrevistados, participantes do período histórico em questão, os quais foram escolhidos mediante sondagem prévia realizada a partir do contato com vizinhos e paroquianos. Através das entrevistas com antigos paroquianos, e párcos, foi possível estabelecer um viés de leitura do sentido da festa dentro do contexto da religiosidade popular local.

³ Grifo nosso.

⁴ Conhecida como Zona da Várzea, de acordo com o mapa base da Secretaria Municipal de Urbanismo de Pelotas.

Além da análise de narrativas orais, para dissertar sobre a memória e o esquecimento da Festa de Navegantes está sendo fundamental a pesquisa no Livro Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus (1911), em periódicos da cidade de 1932 a 1970, dentre outros documento históricos. A fundamentação teórica abrange memória coletiva, esquecimento, cultura, etnia e religiosidade, principalmente para a elaboração do conceito de unidade em contexto étnico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Até o presente momento, a pesquisa avançou em revisão teórica e entrevistas e coleta de material da Festa de Navegantes de 1932 a 1972. Foi identificado que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas foi por cerca de quatro décadas o maior fenômeno religioso, de proporções imensuráveis em Pelotas. A elaboração conceitual possibilitou o desenvolvimento da ideia sobre uma unidade étnico-religiosa, mas com diversos interesses diferentes que se desenvolve em contexto específico, que ocorria uma vez por ano em um território específico da cidade e que criou a forte memória sobre ela após a sua alteração.

A Festa de Navegantes do Porto de Pelotas reunia milhares de fiéis em procissão terrestre e fluvial, em celebrações sagradas e profanas que envolviam clero, autoridades civis, militares, moradores do bairro, munícipes, visitantes de outras cidades, pescadores, comerciantes, dentre outros agentes sociais.

Deste evento religioso, realizado por cerca de três décadas em Pelotas, restaram as memórias, em especial as boas memórias (RICOEUR, 2007), estudadas nesta pesquisa através dos depoimentos orais. Os depoentes partilham, portanto, a memória e o esquecimento da Festa de Navegantes do Porto de Pelotas, e por essa característica em comum, mesmo diferentes, pertencem à mesma unidade em contexto étnico.

Neste período o trabalho está sendo finalizado e estão sendo selecionados os trechos a ser publicados, e findada a última revisão teórica para ser defendido ainda no corrente ano. Salienta-se que este trabalho é uma parte da dissertação “Senhora das Águas: Memórias da Procissão de Navegantes na região do Porto de Pelotas – RS”.

4. CONCLUSÕES

A manifestação religiosa representada pelo ritual da Procissão evoca o contexto sócio-cultural em que ela se produz. O estudo possibilitou desenvolver a definição de Unidade em Contexto Étnico. Unidade, pois se revela como tal, como única e hoje ainda mantida na memória. O contexto da procissão é que cria esta unidade. O apelo étnico-religioso e os diversos interesses que fazem muitos grupos participarem dela configuram a unidade.

Os significados da manifestação estão perpetuados nas lembranças dos que a praticavam, nos objetos que dele surgiram e permaneceram e nos espaços que ela penetrava. A pesquisa sobre a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas permitiu identificar que a “Procissão” ou “Festa” ainda permeia o universo mítico da memória da população local.

A inovação obtida pelo trabalho é a descoberta da memória e esquecimento da antiga Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do Porto de Pelotas enquanto grandioso fenômeno de religiosidade, fé e devoção popular da cidade no início do século XX.

Foram identificados, através da pesquisa, traços comuns nos antigos moradores do bairro do porto, sob o viés da memória e do esquecimento da Procissão de Navegantes. Esses sentimentos comuns possibilitaram a criação de uma unidade em contexto étnico no que se refere à memória e ao esquecimento da Festa de Navegantes.

O estudo da memória e esquecimento da antiga Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes da Paróquia do Porto representa a importância das manifestações de fé popular, principalmente na cidade de Pelotas, onde vivem descendentes de múltiplas etnias, nacionalidades e credos, para compreendermos nossa própria memória e trajetória histórica.

O estudo da memória coletiva através da oralidade (memórias individuais) é fundamental para compreendermos nossa própria história, trajetória e sentido. A memória serve para definir e reforçar o pertencimento se alimenta da história e reinterpreta o passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AREVALO, Javier Marcos. **La Tradicion, El patrimonio y La Identidad**. Espanha: Revista de estudios extremeños, 2004.
- BARTH, Fredrick **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENAR, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo : UNESP, 1997.
- CANDAU, Joel. **Antropología de la memoria**. 1ª ed. – Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ed. S.A., 1989.
- LIVRO **Tombo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus**, Diocese de Pelotas, 1911.
- MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política de esquecimento? **Revista Memória em Rede**, v.2, n. 3, p. 14-26. 2010.
- MONTENEGRO, Monica. **¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos? Re-apropiación de paisajes culturales como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueología pública en el Noroeste Argentino**”. Minicurso proferido na Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciencias Humanas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, em junho de 2012.
- OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, v.18, n.50, p. 57-60, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100006>> Acesso em: 10 jun 2012.
- POLLACK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, v. 02, n. 03. 1989.
- PRIMEIRO **lustrô da Diocese de Pelotas**. Pelotas: Tipografia do Centro, 1917.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a historia, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SPINK, Mari Jane. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - Fundação Oswaldo Cruz, v.9, p. 300-308, 1993.